

PROVOCAÇÃO PARA UM RESGATE NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES LITERÁRIAS BRASIL/ALEMANHA

Fabio CECCHETTO¹

Resumo

O presente artigo parte da premissa inicial que, na perspectiva das investigações das relações literárias entre o Brasil e a Alemanha, nem sempre o estudo da presença de produções literárias brasileiras na Alemanha tem recebido atenção suficiente no Brasil. Assinala-se, em princípio, a existência natural de corredores de pensamento os quais, em certa medida, orientam as linhas gerais do pensamento crítico brasileiro na consideração de aspectos que privilegiam o diálogo cultural e literário em questão no movimento que vai da Alemanha ao Brasil, o que deixa pouco espaço para o estudo do movimento contrário. Em seguida, procede-se à apresentação de alguns elementos histórico-literários que podem subsidiar um trabalho mais amplo e profundo do estudo das relações literárias Brasil/Alemanha no sentido que aqui se pretende resgatar, isto é, aquele que vai do primeiro para o segundo.

Palavras-chave: Recepção literária; Literatura Brasileira; Sistema Literário Alemão.

Abstract

The present article starts from the initial consideration that, in the perspective of the investigations of the Brazil/Germany literary relations, not always the study of the presence of Brazilian literary works in Germany has been receiving sufficient attention in Brazil. Initially, the natural existence of mental paths is signalized. This fact, in a way, guides the general lines of the critical Brazilian thought in the consideration of aspects of the cultural and literary dialog here in question. This consideration favors the movement that goes from Germany to Brazil, which doesn't give enough space for the study of the opposite movement. Finally, some historical literary elements are presented, which can base deeper studies of the literary relations Brazil/Germany in the sense that here is intended to be rescued, i.e., the one that goes from South America to Europe.

Keywords: Literature response; Brazilian Literature; German Literature System.

I.

Para proceder a uma revisão da construção e dos processos de estabelecimento no Brasil, do discurso teórico-crítico, cujo objeto seja o diálogo cultural e literário Brasil/Alemanha, é importante distinguir as contribuições brasileiras, ou seja, aquelas produzidas no contexto brasileiro ou construídas a partir desta perspectiva. As bases desta distinção, para além do recorte metodológico, assentam

¹ Fabio Cecchetto é doutor em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Literatura Alemã na Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Investiga sobretudo relações literárias da perspectiva de uma Germanística intercultural e as relações da literatura com outrossaberes.

e ganham força, entre outros fatores, no reconhecimento do esforço efetivo e organizado feito deste lado do Atlântico em delinear com clareza esta relação com a instauração de uma ótica comparatista na qual os objetos de estudo privilegiados são aqueles que, na visão dos críticos, melhor refletem o caráter intercultural e de intercâmbio desta relação, o que eu chamo de instauração do *objeto do entremeio*, e os métodos empregados aparecem pontuados de procedimentos que favorecem, de modo geral, a troca de olhares evitando, com justeza, a hierarquização de categorias ou polarização e partidarização do discurso.

É verdade que, no Brasil, sem o prejuízo de contribuições mais antigas ao desenvolvimento do tema, o engendramento do discurso crítico que se volta para as relações literárias entre o Brasil e a Alemanha ganha impulso com a organização dos programas de Germanística nas universidades. No contexto acadêmico, sobretudo, é natural que tenha havido a acomodação da abordagem e do tratamento de alguns temas, o que, em um contexto mais amplo, chamo de *isotopismos do discurso crítico*. Tal fato, evidentemente, não quer instituir fechamentos das possíveis perspectivas de análise de seu objeto de estudo, mas deriva da necessidade natural de definir parâmetros de comparação, sejam de caráter histórico, sejam com base em critérios exclusivamente literários.

Até pelo menos meados dos anos 1950, um destes isotopismos, de natureza extraliterária, frequenta o imaginário que dará base à formação de um discurso crítico das relações literárias Brasil/Alemanha. Trata-se da narrativa de Hans Staden. De certo modo, a partir de sua tardia publicação no Brasil na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1892, este texto ganha paulatinamente prestígio. Sobre ele se voltam vultos como Teodoro Sampaio e Monteiro Lobato e um sem número de investigadores universitários e tradutores. Com o tempo, este texto ganha uma aura de texto fundador de todas as relações Brasil/Alemanha.

Do mesmo modo, talvez de uma forma mais sistemática, outro fator relevante sempre a ser assinalado, agora mais amiúde a partir de meados dos anos de 1960, diz respeito à questão da Literatura de Viagem oitocentista produzida por alemães, quer sejam estudiosos e cientistas, quer colonos, comerciantes ou mesmo mercenários. Depois de estarem no Brasil, e de volta à Europa, publicam textos dos mais diversos conteúdos, contribuindo, por exemplo, por um lado, e em certa medida, para alimentar os estereótipos acerca deste país na Alemanha, mas também, por outro lado, para esclarecer aspectos relativos ao Brasil a uma elite ilustrada e para fomentar, mesmo que incipiente e precariamente, um ensaio de troca de olhares entre as literaturas brasileira e alemã. São conhecidos textos de Carl Seidler, Hermann Burmeister, Thomas Davatz, Joseph Hoermeyer, como lembra Pessoa (1991), bem como do barão de Eschwege (Wilhelm Ludwig von Eschwege). Alguns textos chegam mesmo a se tornarem populares como é o caso dos relatos de Johann Moritz Rugendas, Carl Friedrich Philipp von Martius ou mesmo textos de Jean Baptiste Debret (além, evidentemente, de suas gravuras). Estes exercícios intelectuais, desde aqueles mais ancestrais até os mais modernos,

ção, por muito tempo, as notas de fundo dos ensaios que no Brasil se dedica ao assunto sem que, entretanto, cheguem a ser esgotados.

Nesta pauta geral, sobretudo a partir dos anos de 1960, inicia-se, no Brasil, a construção de um discurso crítico mais independente, sistêmico e coletivo, processo que ainda hoje está em expansão. Entretanto, este pequeno esboço de uma genealogia da crítica das relações literárias Brasil/Alemanha deixa já entrever, mais em seus silêncios que na defesa positiva de seus argumentos, um de seus traços peculiares. De modo geral – mas não somente, é preciso assinalar desde já –, o discurso crítico aqui referido não se desvencilha totalmente da perspectiva em que a Alemanha aparece como pólo ativo, irradiador ou produtivo de cultura e o Brasil como sistema cultural passivo, acolhedor ou receptivo. Não há nisso nenhum problema verdadeiro de ordem intelectual, moral ou epistemológica. Trata-se de uma etapa da evolução dos estudos.

Nesta perspectiva comparatista predominante, encontram-se circunscritos estudos que investigam, por exemplo, a recepção ou a influência da literatura alemã em geral ou de autores específicos no Brasil, a produção teórico-crítica brasileira sobre a literatura, cultura ou teorias filosóficas alemãs, a elaboração ou reelaboração de elementos da cultura e civilização brasileiras em produções alemãs, e assim por diante.

Não obstante, parece haver já no contexto brasileiro uma maturidade espiritual que permite a consideração mais ampla e complexa dos papéis como, por exemplo, o tratamento do papel ativo do Brasil no diálogo literário² aqui considerado. Para lançar um pouco de luz sobre esta última questão, considera-se, a partir deste ponto, alguns elementos da inserção da literatura brasileira na Alemanha.

II.

Professor de estética da Universidade de Göttingen, Friedrich Bouterwerk foi talvez o primeiro alemão a dissertar sobre a literatura brasileira – ou ao menos sobre a literatura que se produzia no Brasil³ – ao escrever sua *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit* ([História da Poesia e da Eloquência Portuguesa], Bouterwerk, 1805) para uma série intitulada *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit* (História da Poesia e da Eloquência). É importante assinalar, entretanto, que a referência do autor à literatura brasileira se dá, naquele momento histórico, de forma indireta, já que ele não faz distinção de nacionalidade entre brasileiros e portugueses. Seguindo naturalmente a perspectiva de seu tempo, o autor não entende o Brasil uma unidade cultural autônoma e o considera parte

² Um aprofundamento teórico seria oportuno neste ponto, é, porém, incompatível com a natureza do presente texto.

³ Não se pretende aqui entrar no mérito da problematização de quais seriam os limites da literatura brasileira no período estudado por Bouterwerk, mas tão somente considerar a questão da perspectiva que se imagina ter sido a do autor alemão.

constituente da mesma unidade político-cultural de Portugal. Encara também a literatura produzida dos dois lados do Atlântico da mesma perspectiva sem ao menos se mencionar a condição brasileira de colônia.

De modo geral, a análise de Bouterwerk articula-se a partir de uma ótica neoclássica, sua perspectiva teórica. Tal fato leva-o a direcionar sua leitura sobretudo para os autores da estética neoclássica e amiúde para as qualidades formais dos textos que estuda. Nas considerações do autor, o Brasil emerge graças ao valor que ele confere especificamente às obras de Cláudio Manuel da Costa. Ao analisar a obra do poeta brasileiro, Bouterwerk lhe dá uma posição de destaque graças ao desenvolvimento de um estilo literário que classifica de refinado.

Também o suíço Simonde Sismondi (1813), alguns anos mais tarde, escreve também sobre a produção literária brasileira. Natural de Genebra e participante do grupo de Mme. de Staël, o próprio Sismondi declara ter seguido de perto o texto de Bouterwerk. Como seu antecessor, este autor também considera a literatura do Brasil como uma vertente da portuguesa. Entretanto, revela uma leitura diferenciada ao assinalar a condição brasileira de colônia de Portugal. Além disso, diferencia-se também por procurar apresentar o contexto em que as obras são produzidas. É graças a este viés em sua análise que Sismondi consegue observar o que assinala como uma certa originalidade e um caráter distinto na literatura produzida no Brasil. O autor chama a atenção para a valorização em poemas brasileiros de imagens que se valem de elementos da natureza, o que lhes confeririam uma *cor local*, polêmica que não será desenvolvida aqui.

Esta fase inicial é marcada pela visão de que a literatura brasileira não apresenta um desenvolvimento dissociado da literatura européia – particularmente da portuguesa. Entretanto, o primeiro traço distintivo e apontado como peculiar da literatura nacional brasileira é sua associação com os elementos da natureza sul-americana já que tais traços são, em princípio, impossíveis – ou inacessíveis – às produções européias.

Ao lado das narrativas de viagem já citadas, cujas publicações transitam em círculos específicos da elite letrada, e obedecendo a dinâmicas específicas da intelectualidade européia, surgem traduções de obras da literatura brasileira para o alemão, realizadas, sobretudo, por imigrantes que vêm ao Brasil. Eventualmente, algumas destas traduções são publicadas na Alemanha e por lá circulam timidamente, como, por exemplo, é o caso do romance *Iracema* de José de Alencar, traduzido por Christa von During e publicado em 1896 pela Verlag von Boysen (editora), de Hamburg, sob o título *Iracema, ein Sang aus den urwildnen Brasiliens*. (*Iracema*, um canto da floresta virgem do Brasil).

Neste período, a presença dos ideais estéticos românticos marca, ainda de forma sensível, a escolha das obras a serem traduzidas para o alemão, particularmente no que se refere à figura do índio. O índio representado nas obras escolhidas para serem traduzidas, por exemplo, corresponde geralmente ao ideal do “bom selvagem” de Rousseau e contrasta com a imagem do terrível índio canibal que o relato seiscentista de Staden cria e que marca o imaginário popular alemão acerca do Brasil. Tal deslocamento de paradigma, porém, não é drástico de maneira que os

novos elementos se fundem aos antigos, o que resulta num aumento ainda maior de um efeito caleidoscópico da imagem que o alemão tem acerca do Brasil e de sua literatura. Esta imagem também entra, em maior ou menor grau, na composição do quadro de referências que condiciona a recepção da literatura brasileira na Alemanha no século XX.

No Instituto Hans Staden de São Paulo encontra-se para consulta uma lista extensiva de outros títulos traduzidos, como por exemplo: de Taunay, *Inocência* (*Inocencia*), na tradução de Arno Phillip com várias publicações a partir de 1894; de José de Alencar, mesmo tradutor, *As minas de prata* (*Die Silberminen*) e *Iracema* (*Iracema*), publicado em 1897; traduzido por Bernhard Heinke foi o romance *Ubirajara*. Na esfera da teoria, anos mais tarde, sai o artigo *Alemanha e Brasil em suas relações literárias recíprocas* (Sommer, 1927). Entretanto, nenhuma destas publicações chega a ter visibilidade na Alemanha ou chega a interferir diretamente, ao que se sabe, no processo de recepção *lato sensu* da literatura brasileira naquele país.

A observar está o fato de que há uma ênfase dada ao espaço físico e de que a imagem deste espaço permanece mais ou menos constante com o passar do tempo. A imagem referente ao homem brasileiro, entretanto, parece gozar de menor prestígio: às vezes ele nem é representado, outras vezes é apresentado como um elemento figurativo e acessório da Natureza. Além disso, a maneira de encarar o elemento humano nem sempre é constante: de modo geral, é favorável, a partir do século XIX, no caso dos índios (antes prevalecia a impressão da ideia veiculada pela narrativa de Hans Staden) e desfavorável quando se trata do negro.

A associação do espaço físico do Brasil com o ideal de paraíso na terra, juntamente com as diferentes imagens que se formam acerca do elemento humano brasileiro, colabora para aumentar a rede de referências cruzadas em relação ao Brasil, que direciona a leitura de um alemão que eventualmente entre em contato com a literatura brasileira.

Portanto, o Brasil, *grosso modo*, começa a se caracterizar, considerando tal distinção a partir da somatória dos elementos homem e espaço, pelo exotismo, pelo caráter de ser diferente da Alemanha. O horizonte de expectativas do alemão começa a ser construído, deste modo, pautado também sob a égide deste arquétipo.

Ainda em meados do século XIX, em 1858, sai publicado em Leipzig um volume contendo textos escritos no idioma Tupi (França, 1858). Não se trata, ainda, de documento crítico sobre a literatura brasileira, pois sua motivação é claramente filológica e não propriamente literária. Não obstante, a partir de 1859, quando José Gonçalves de Magalhães ocupa o cargo de embaixador do Brasil na Áustria, ocorre uma mudança consistente para a literatura brasileira. Lá Magalhães conhece Ferdinand Wolf, responsável pela Biblioteca Imperial de Viena e faz amizade com ele. Dois anos mais tarde, em 1861, Wolf publica um ensaio sobre seu amigo diplomata e escritor, no qual aborda aspectos da evolução da literatura brasileira. A este se segue, dois anos mais tarde, um volume, cujo objeto central é a história desta literatura, intitulado *O Brasil literário. História da literatura brasileira acompanhada de uma seleta dos melhores autores brasileiros* (WOLF,

1861). Embora publicada em francês, a obra é a primeira história do gênero a sair nos países de língua alemã. Pioneira, ao lado de outras relativamente a Portugal, esta publicação faz de Wolf um dos cofundadores dos modernos estudos luso-brasileiros na Romanística alemã.

Em seu texto, o autor afirma que a literatura brasileira alcançou o *status* de literatura nacional e encontra-se, desta forma, apta a figurar na constelação de literaturas do mundo civilizado. Polêmicas à parte, é importante salientar o fato de que se encontra subentendida à conceituação de *civilizado*, sobretudo, a mentalidade e tradição ocidental-européia do que seja civilização, o que não deixa de revelar uma abordagem etnocêntrica da parte de Wolf. Por outro lado, porém, é necessário assinalar ainda que sua preocupação em estabelecer limites e reconhecer a maioria das letras brasileiras é uma discussão que se promove, naquele momento, no Brasil pela crítica literária. Não se descarta, portanto, que o autor tenha também assimilado opiniões ventiladas por Gonçalves de Magalhães, incorporado-as a seu livro e divulgado-as na Europa.

Entretanto, ao contrário do que seria de se esperar, por ser em sua época única em sua modalidade, não há registros comprobatórios de que esta publicação tenha, com seu lançamento, qualquer repercussão na Alemanha, Áustria ou Suíça, mesmo em meios acadêmicos, constituindo-se, deste modo, num fato isolado e sem maiores consequências.

Quase ao mesmo tempo, em viagem ao Brasil, o diplomata suíço Johann Jakob von Tschudi (1971) faz anotações sobre a literatura brasileira, sobre seus autores e busca compreender sua articulação histórica. Observa, sobretudo, o teatro no Rio de Janeiro e procura caracterizá-lo, mais tarde, em seus relatos de viagem, os quais publica na Alemanha de 1866 até aproximadamente 1900. Neste ponto, a diferença dos escritos de Tschudi em comparação aos relatos de outros viajantes é muito importante. Divergindo dos demais, cujos interesses dirigem-se muito mais às peculiaridades do meio natural e da composição étnica do Brasil, o suíço registra aspectos da sociedade e da cultura brasileira, o que apresenta a presença de tal atividade no Brasil, inclusive da literatura.

A pequena evolução da inserção e eventual recepção da literatura brasileira na Alemanha, adentrando o século XX, é mais facilmente assinalável em aspectos extraliterários. Neste período, não só a literatura brasileira, mas também as hispano-americanas começam a ser percebidas e seriamente estudadas, embora ainda esparsamente. A partir de então, a literatura brasileira passa a ser encarada como elemento integrante do conceito *latino-americano* – que é hiperonímico, generalizante e uniformizador –, perdendo a ilusória e tênue vantagem de seu inicial tratamento particularizado.

Um maior interesse pela literatura latino-americana, em especial a hispano-americana, reflete-se na fundação de institutos voltados para a América Latina: Instituto Teuto-Latino-Americano de Aachen, em 1912, o Instituto Ibero-americano de Hamburg, em 1917, e, até hoje o mais importante, o Instituto Ibero-Americano de Berlim Preussischer Kulturbesitz, em 1927. Entretanto, os estudos romanísticos, tanto no início do século XX quanto ainda no do XXI, privilegiam a

literatura francesa e, em menor grau a italiana e a espanhola, relegando aos estudos luso-brasileiros – até mesmo às literaturas hispano-americanas – uma posição marginal. A ausência de pesquisa e de uma abertura para um ensino universitário amplo nesta área constitui-se numa enorme lacuna ainda a ser preenchida. Com exceção, a partir dos anos de 1920, de investigações esporádicas, não é possível de se detectar a existência de uma política para a pesquisa em literatura brasileira, pois a escolha dos temas não se apresenta sistematicamente organizada.

Ainda na década de 1920, os estudos luso-brasileiros não têm grande força; o interesse gira em torno da língua espanhola que teve, em 1922, sua prioridade em relação ao francês e ao italiano reivindicada por Karl Vossler. Em 1924, porém, o linguísta Max Leopold Wagner publica o ensaio *Die spanisch-amerikanische Literatur in ihren Hauptströmungen* (A literatura hispano-americana em suas principais tendências), que analisa as literaturas latino-americanas de expressão espanhola. Um pouco mais tarde, Hans Jeschke contribui para o *Handbuch der Literaturwissenschaft* (Manual de Teoria da Literatura), de Oskar Walzel, com o artigo *Espanha, Portugal e América Latina* (Jeschke, 1935), e *A literatura espanhola, portuguesa e latino-americana* (Jeschke, 1938). Nestes ensaios, Jeschke, apesar de dissertar sobre a literatura brasileira, dá preferência notória às literaturas hispano-americanas, procurando resgatá-las para o contexto do estudo da Romanística alemã.

As publicações nesta fase são, como se percebe, uma tentativa de sistematização da cronologia da evolução e dos movimentos literários. Não se notam esforços no sentido de analisar textos individuais, sejam longos ou curtos, prosa ou poesia, de maneira que não há qualquer movimento efetivamente representativo da inserção de obras traduzidas da literatura brasileira na Alemanha e, portanto, do registro de uma eventual recepção.

Devido à estreita recepção e também pela falta de registros de uma eventual recepção é mais pertinente falar, nesta primeira fase, em não-recepção da literatura brasileira na Alemanha.

III.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, com o realinhamento dos mercados editoriais, sobretudo europeus, criam-se as condições para que se processe semelhante realinhamento de base teórico-literário e uma análise profunda da posição das literaturas nacionais, particularmente na Alemanha. Assim, nos primeiros anos depois da guerra, a vida editorial alemã se deixa organizar, em linhas gerais, por três princípios básicos que são: 1) O setor editorial recebe incentivos para se desenvolver no campo da iniciativa privada e adquire, portanto, um caráter mais marcadamente capitalista (diferentemente do que acontece na DDR, onde a maioria das editoras sofre um processo de estatização ou passam a ser, em diferentes graus, vinculadas ao Estado); 2) a utilização dos *mass media*, dos

quais se destacam em primeiro plano, o rádio e o jornal e 3) a qualidade estético-literária da obra que incluía o exame de seu conteúdo ideológico.

No que se refere à produção das obras literárias, como se sabe, três também são as tradições predominantes que se formam e articulam o mosaico literário do pós-guerra alemão: 1) a literatura de exílio ou dos emigrantes, 2) a literatura dos autores que permanecem na Alemanha e sobrevivem ao terceiro *Reich* e 3) a literatura dos jovens autores. Destas orientações literárias, talvez seja possível identificar uma pequena contribuição da literatura de exílio para a configuração do horizonte de expectativas do público alemão em relação à literatura brasileira. Tal aporte refere-se à inclusão de temas sobre o Brasil na produção dos autores que neste país se refugiam, tais como Stefan Zweig, Ulrich Becher, Helmut Gaupp, Frank Arnau, Susi Bach Eisenberg, Carl Fried, Paul Frischauer, Johannes Hoffmann, Paula Ludwig. É marcante nesta produção uma, sempre presente, recorrência ao emprego de elementos da imagem que do Brasil se faz na Alemanha. Vale dizer, pois, que a produção de exílio dos escritores que têm algum tipo de experiência com o Brasil não lhe fica alheia.

Não obstante, este contexto, sobretudo a partir dos anos 1950, representa também – e claramente – uma divisão para a recepção das traduções de obras brasileiras nos países de língua alemã. O principal fator que permite tal afirmação é a situação mais favorável no mercado editorial alemão encontrada por tais traduções. Ilustrativo nesta década é o exemplo da venda, na Áustria, de cerca de 300.000 exemplares da tradução de *O tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, até hoje a maior vendagem de uma obra única da literatura brasileira nos países de língua alemã. Não obstante, este é mais um fato isolado na história da recepção da literatura brasileira na Alemanha e que acontece sem o respaldo da configuração de um sistema receptivo mais amplo em que se contemplam outras obras. Uma vez mais, a leitura da crítica produzida neste período não revela que a literatura brasileira tenha sido objeto de grande interesse dos pesquisadores alemães, muito embora seja possível identificar concretamente o olhar interessado de alguns estudiosos sobre ela desde fins do século XIX.

Nos anos de 1960, focalizando a América Latina, o publicitário Günter Lorenz publica, em 1967, uma antologia de escritores latino-americanos do século XX com a qual pretende levar ao público alemão, narrativas curtas de autores da América Latina. Publica ainda uma série de doze entrevistas com escritores latino-americanos, dentre eles Guimarães Rosa, Jorge Amado e Adonias Filho, chamada *Diálogo com a América Latina* (LORENZ, 1973). A interlocução com Guimarães Rosa que compõe este título é a famosa entrevista concedida ao publicitário em 1964 durante o Encontro Internacional de Escritores, em Gênova e repetidamente publicada em diversos meios de comunicação de massa. Apesar de estes textos datarem da década de 1960, o reconhecimento de Lorenz como especialista em literatura latino-americana firma-se apenas na década seguinte.

O acirramento das diferenças no que diz respeito à temática da literatura latino-americana veiculada nas duas Alemanhas é evidente: enquanto na República Democrática Alemã a ênfase se dá no realismo socialista, influência do regime

político lá praticado (o autor brasileiro do momento, segundo Horta (2002), é Jorge Amado), na República Federal Alemã a ênfase é dada ao realismo mágico e é, portanto, nesta última que a literatura latino-americana encontra seu maior espaço no período. No que toca à literatura brasileira, o autor que se apresenta em evidência naquele momento é Guimarães Rosa.

IV.

Guimarães Rosa é publicado na Alemanha pela editora Kiepenheuer & Witsch. De modo geral, a política editorial desta empresa volta-se, naquele período, para a publicação da nova literatura alemã e de textos científico-acadêmicos. Das obras publicadas nos anos anteriores a 1964, ano da publicação da tradução de *Grande Sertão: Veredas*, é importante assinalar que Rosa é o primeiro autor latino-americano a ser publicado pela editora.

Não deixa, portanto, de ser surpreendente o fato de que Rosa é praticamente o único autor latino-americano a ser publicado nos anos 60 pela Kiepenheuer & Witsch. Além do *Grande Sertão*, em 1968 sai a tradução de *Primeiras Estórias* sob o título de *Das dritte Ufer des Flusses* (A terceira margem do rio). Além de Rosa, o romance *Hundert Jahre Einsamkeit* (Cem anos de solidão), de Gabriel García Márquez, é publicado, mas apenas em 1970.

É importante assinalar ainda que o principal público que consome ficção na Alemanha, tanto na década de 60 quanto hoje, é constituído sobretudo por mulheres. Esse elemento é recentemente anotado por Strausfeld em texto em que analisa o aumento da preferência por escritoras latino-americanas⁴. Também Meyer-Clason, tradutor de Rosa, acena ao autor com esta informação. Em carta, o alemão chama a atenção do brasileiro para um pretenso aumento da quantidade de leitores masculinos de sua obra na Alemanha, o que mostra que a maioria de leitores, pelo menos até aquele momento, é constituída por mulheres, o que pode ser um dado igualmente significativo.

Para concluir, é importante apenas ressaltar que os dados aqui apresentados, longe de uma sistematização pormenorizada, cumprem seu papel de oferecer um panorama daquilo que pode ser considerada uma proposta de resgate do movimento que vai também do Brasil para a Alemanha no estudo das relações literárias entre estes dois países.

⁴ “Hoje, por outro lado, fala-se de um bônus feminino, porque as editoras preferem as autoras aos autores desconhecidos, já que, *como segundo a estatística mais mulheres do que homens compram romances*, o ponto de vista feminino é mais apreciado.” Grifos nossos. In: STRAUSFELD, Michi. Para novas margens literárias. In: **Humboldt**. 2003 (87). pp.62-3.

Referências

- BARBOSA, Fábio Luís Chiqueto. **A imagem do sertão na tradução alemã de Grande Sertão: Veredas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. _____. **A recepção da tradução alemã de Grande Sertão: Veredas e a perspectiva da Weltliteratur de Goethe**. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2004.
- BOUTERWERK, Friedrich. Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit. In: _____. **Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts**. Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1805. Ab. III.
- CESAR, G. **Os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit**. Porto Alegre: Lima, 1968.
- DAUS, Ronald. **Der epische Zyklus der Cangaceiros in der Volkspoesie Nordostensbrasilien**. Berlin: Colloquium, 1969.
- FRANÇA, Ernesto Ferreira (Ed.). **Chrestomathia da lingua Brazilica**. Leipzig: Brockhaus, 1858.
- GROSSMANN, Rudolf. **Geschichte und Probleme der lateinamerikanischen Literatur**. München: Hueber, 1969.
- HORTA, Patrícia. **O potencial de recepção de Jorge Amado na Alemanha**. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.
- JESCHKE, Hans. Die spanische, portugiesische und lateinamerikanische Literatur von 1870 bis zur Gegenwart. In: WALZEL, Oskar (Ed.). **Die romanischen Literaturen des 19. und 20. Jahrhunderts, II**. (Handbuch der Literaturwissenschaft, Bd. 21, II). Berlin: Athenaion, 1938. pp. 73-123.
- _____. Spanien, Portugal und Lateinamerika. In: WALZEL, Oskar (Ed.). **Die romanischen Literaturen des 19. und 20. Jahrhunderts, I**. (Handbuch der Literaturwissenschaft, Bd. 21). Berlin: Athenaion, 1935. pp. 348-81.
- KUTZENBERGER, Stefan. **Europa in "Grande Sertão: Veredas" - "Grande Sertão: Veredas" in Europa**. Wien: Geisteswissenschaftliche Fakultät der Universität Wien, 2000. Tese de doutorado.
- LORENZ, Dialog mit Lateinamerika. Tübingen: Horst Erdmann, XXXX. No Brasil: Id. — **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. São Paulo: EPU, 1973.
- MARTINS FILHO, Antônio & LANDIM, Teoberto (Ed.). **Colheita Tropical. Homenagem ao Prof. Dr. Helmut Feldmann**. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar 2000. p. 69-86.
- PESSOA, Lilian Abreu. **A imagem do Brasil na literatura de Viagem alemã do Século XIX**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1991.
- POLLMANN, Leo. **Der neue Roman in Frankreich und Lateinamerika**. Stuttgart: Kohlhammer, 1968
- REICHARD, Dieter. **Schöne Literatur lateinamerikanischer Autoren. Eine Übersicht der deutschen Übersetzungen mit bibliografischen Angaben**. Tübingen, 1965.
- SISMONDI, Jean-Charles-Léonard Simonde de. **De la littérature du Midi de l'Europe**. Paris: Treuttel & Würtz, 1813.
- SOMMER, Friedrich. Deutschland und Brasilien in ihren wechselseitigen literarischen Beziehungen. In: **Deutsch-Brasilianische Illustrierte**, Jg. 2, n. 3 e 4, 1927
- SOUSA, Celeste H. M. R. de. **Retratos do Brasil: heteroimagens literárias alemãs**. São Paulo: Arte & Ciência, 1996.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. **Reisen durch Südamerika**. Unveränderter Neudruck mit einer Einführung von Carl Troll und Hanno Beck. 5 Bd.: Stuttgart: Brockhaus, 1971 (Publicação original de 1866 a 1869).
- WOLF, Ferdinand. **Über José Gonçalves de Magalhaens: ein Beitrag zur Geschichte der brasilianischen Literatur**. Wien: L. Mayer, 1861.